

APRESENTAÇÃO

Este número da *Revista Interfaces* que pensar e discutir as imagens, representações e imaginários sobre o Brasil, do século XVI aos nossos dias. As imagens são capazes de alimentar representações que definem imaginários. Os imaginários são bacias semânticas de onde brotam representações em forma de imagens. Imagens, imaginários e representações se retroalimentam, se interpenetram e se confundem; são senhas sem as quais não se pode pensar nem a comunicação, e tampouco a vida em sociedade.

Como resultado das investigações em seu *Centro de Estudos do Imaginário*, Gilbert Durand formulou uma Teoria Geral do Imaginário, cuja síntese pode ser apresentada da seguinte forma: “Deve-se abandonar a distinção entre o consciente racional e os fenômenos psíquicos, integrando a sintaxe da razão ao consenso do imaginário geral. Não há ruptura entre real e imaginário. Imaginário e pensamento estão integrados na função simbólica. A imaginação é um fator geral de equilíbrio psicossocial. O imaginário apresenta-se como tensão entre duas forças de coesão, dois regimes, cada qual relacionado a imagens de dois universos antagonistas. Esses regimes se unem no tempo, numa linha narrativa, formando um sistema (mais do que uma síntese).” (DURAND, 1988, p. 78)

A filósofa Marilena Chauí em *Brasil: mito fundador e sociedade autoritária* apresenta alguns aspectos de nação imaginada, analisando diversas expressões presentes no imaginário popular brasileiro como um “dom de Deus e da Natureza”, “em se plantando tudo dá”, “um povo pacífico e ordeiro”, algumas das crenças disseminadas no pensamento comum do brasileiro e que mostram a “forte presença de uma representação homogênea que os brasileiros possuem do país e de si mesmos” (2000, p. 7). Trata-se de uma crença generalizada que tem uma grande força de persuasão no sentido de resolver “imaginariamente uma tensão social” e produzir uma “contradição que passa despercebida” (2000, p. 8).

Pindorama, Ilha de Vera Cruz, Terra Nova, Terra dos Papagaios, Terra de Vera Cruz, Terra de Santa Cruz, Terra de Santa Cruz do Brasil, Terra do Brasil são os nomes dados ao nosso país, antes de se chamar definitivamente Brasil. Da Pindorama, terra das palmeiras tupi-guarani a *Yes nós temos bananas* na voz de Carmem Miranda; da ginga e da malandragem do Zé Carioca ao país do futebol; da terra da bossa nova e país do carnaval à terra do misticismo; da cidade planejada de Brasília às jóias do barroco mineiro; da *República de Curitiba* à *República do Galeão* e, finalmente, “Brasil país do futuro” são apenas algumas das possibilidades de exploração do tema, alcunhas e/ou estereótipos sobre a nossa terra, mas que fornecem um arsenal riquíssimo para as mais diversas discussões. Afinal, “Que país é esse?” parafraseando a canção é o que queremos, constantemente, descobrir.

Abrimos o presente número com dois artigos que priorizando o Brasil Negro. *Tributo a Oxum: rio oir, de Cildo Meirelles e Ouvir o rio de Marcela Lordy*, de Maria Cristina Mendes explora o imaginário do sagrado na mitologia afro-brasileira numa leitura sobre a orixá Oxum (deusa iorubá das águas doces e das cachoeiras) a partir da obra de dois consagrados artistas brasileiros.

Em *Corpo embranquecido: a performance negra como lugar de visibilidade dos corpos insurgentes*, Rodrigo Severo dos Santos discute, a partir da análise de performances de artistas afrodiáspóricos, aspectos sobre a questão da política de branqueamento como parte do projeto de nação defendido na passagem do século XIX para o XX após a abolição da escravatura, num exemplo dos pontos apontados por Chauí, num *apartheid* social encoberto pela crença de que vivemos em um país onde não há discriminação racial.

Ronne Franklim Carvalho Dias e Raimundo Martins trazem imagens do Brasil Indígena. Em *Desenhando na Amazônia: mediações educativo-culturais entre imagem e imaginário* ou autores tratam da Amazônia Amapaense como espaço de cultura visual ao analisar os desenhos de uma professora-artista como elementos de mediação educativo-cultural e que apresentam posições divergentes dos discursos e imagens estereotipadas que são produzidos desde o período colonial.

Quando Américo conhece a América: as representações dos povos do Novo Mundo nas cartas de 1502 e 1503, de Amanda Moury Fernandes Bioni revisita e reavalia o conceito de Invenção da América e traz fragmentos de missivas de Américo Vespúcio que contribuíram para a construção da imagem e da identidade dos nativos americanos.

Elizabeth Motta Jacob no ensaio *Um Brasil brasileiro: apontamentos sobre a construção de um imaginário de Brasil a partir da direção de arte de Luiz Carlos Ripper no cinema*, trata da criação de um imaginário sobre o Brasil Colonial e sobre o processo de construção de uma imagem cinematográfica brasileira com base nos trabalhos de direção de arte de Luiz Carlos Ripper em analogia com filmes *Pindorama* (1970) de Arnaldo Jabor e *Quilombo* (1984), de Cacá Diegues.

Festa brasileira por excelência e poderoso produto de exportação graças à sua poderosa força de atração turística, o Carnaval é um “modelo de” e “modelo para” a maioria das festas brasileiras (GEERTZ, 1978). Afinal, o Brasil é o país do Carnaval. *Carros alegóricos em silenciosas, efêmeras e cíclicas paisagens: narrativas fotográficas de um fragmento de carnaval nas ruas cariocas*, de Eduardo Oliveira Soares, traz recortes do carnaval do Rio de Janeiro através do registro fotográfico de carros alegóricos, antes e após o desfile das escolas de samba, e que compõem um imaginário como fragmentos da narrativa carnavalesca nos espaços urbanos.

“Símbolo de preguiça e fatalismo, de sonolência e imprevisão, de esterilidade e tristeza, de subserviência e embotamento”, segundo Ruy

Barbosa, Jeca-Tatu é o personagem de *Urupês*, criado por Monteiro Lobato em 1918 e que serviu como ferramenta de campanha em favor do saneamento, além de esclarecer e educar a população brasileira sobre uma doença tropical que, na época, vitimava milhões de brasileiros e era tão negligenciada: o amarelão. Fábio Sgroi e Ana Paula Koury em *No tempo do Jeca Tatu: representação das populações rurais no imaginário urbano do século XX (1914-1980)*, mostram as reinterpretações pelas quais o personagem passou e sua relação com as ideias de seu criador e de seu mais famoso intérprete no cinema, Amácio Mazzaropi. Para os autores, Jeca Tatu foi um arquétipo criado inicialmente como instrumento para convencer as elites sobre a necessidade de se abandonar as estruturas arcaicas da economia rural em prol do desenvolvimento industrial, mas que, com o tempo, foi reinterpretado como um símbolo de resistência da cultura do campo frente aos valores e costumes da cidade.

Do interior do Sudeste para o Nordeste. *Construindo uma região: imagem e imaginário sobre o Nordeste brasileiro*, de Manuella Mirna Enéas de Nazaré, através de uma abordagem de discursos sociológicos e literários discutem a compreensão e a construção de imagens e imaginários sobre a região como o cangaço, o messianismo e o coronelismo patriarcal.

De volta ao Sudeste Juliana Meirelles Guerra em *Petrópolis através dos tempos e a miaditização de sua imagem* demonstra como a imagem de Petrópolis foi sendo modificada através dos tempos e de como uma imagem urbana midiaticizada favorece o turismo, as identificações, as interações e as trocas econômicas frente à heterogeneidade que permeia o entendimento de cidade na atualidade.

Chegamos ao Sul. Em *Romance e interpretação nacional do Brasil: a contribuição do conceito de "História Lenta" numa leitura de Incidente em Antares*, Pedro Dalabella Chagas e Heloísa Kruger Barreto partem do conceito de *História Lenta* de José de Souza Martins para fazer uma análise do romance *Incidente em Antares* de Érico Veríssimo. Enfatizam as implicações da obra na formação de uma consciência nacional brasileira e sobre o presente e o futuro político de nosso país.

Ainda no Sul e em mais uma abordagem político-sociológica, David José de Andrade Silva no ensaio *Os efeitos de sentido de uma questão controversa: o caso da República de Curitiba* trata da história recente da política brasileira, principalmente após a eleição presidencial de 2014, marcada pela polarização política entre a esquerda e a direita. Curitiba, capital do Paraná e sede da Operação Lava-Jato. O autor discute os efeitos de sentido causados pelo enunciado "República de Curitiba" a partir da Análise do Discurso e quais as implicações sociais e políticas que decorrem dessa alcunha.

Fabiano Dalla Bona